



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
www.cecs.uminho.pt

Identidade Social e Estereótipos Sociais de Grupos em Conflito: Um Estudo numa Organização Universitária *

Rosa Cabecinhas
Professora Auxiliar

cabecinhas@ics.uminho.pt

Alexandra Lázaro
Assistente

alazaro@ics.uminho.pt

Universidade do Minho
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Campus de Gualtar
4710-057 Braga
Portugal

* Cabecinhas, R. & Lázaro, A. (1997) 'Identidade Social e Estereótipos Sociais de Grupos em Conflito: Um Estudo numa Organização Universitária' in *Cadernos do Noroeste*, vol. 10-(1), Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, pp. 411-426.

Resumo:

Em psicologia social, o conceito de identidade social tem sido bastante utilizado na descrição e análise do comportamento intergrupar, nomeadamente dos comportamentos de discriminação entre grupos sociais. Neste artigo apresentamos uma metodologia de avaliação da identidade social, já testada por outros autores (e.g., Monteiro, Lima e Vala, 1991), e pretendemos verificar a existência de uma relação entre identidade social, a criação de estereótipos e os comportamentos de discriminação intergrupar.

A investigação que apresentamos analisa as representações e comportamentos de dois grupos em conflito numa organização universitária. Vamos verificar, para cada grupo: a) se a descrição do seu grupo (auto-descrição) contem características mais positivas do que a descrição do outro grupo (hetero-descrição); b) se uma identidade social elevada conduz à acentuação da discriminação intergrupar, isto é, se os estereótipos e os comportamentos de diferenciação se tornam mais extremos.

Palavras-chave: estereótipos, identidade social, grupos, conflito, universidade

IDENTIDADE SOCIAL E ESTEREÓTIPOS SOCIAIS DE GRUPOS EM CONFLITO: UM ESTUDO NUMA ORGANIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA

ROSA CABECINHAS*

ALEXANDRA LÁZARO**

Introdução

A teoria da identidade social (e.g., Tajfel, 1981-83; Tajfel e Turner, 1979), considerada como a teoria mais importante no quadro actual dos modelos sobre as relações intergrupais em psicologia social (Amâncio, 1993), parte da ligação entre três conceitos fundamentais: categorização social, identidade social e comparação social.

A categorização social é concebida como um instrumento que segmenta, classifica e ordena o ambiente social, servindo também como «Um sistema de orientação que ajuda a criar e definir o lugar do indivíduo na sociedade» (Tajfel, 1981-83, p. 291). Neste sentido, os grupos sociais contribuem para a construção da identidade social dos seus membros. A identidade social é, em larga medida, relacional e comparativa.

Na acepção de Tajfel, «l'identité social d'un individu est lié à la connaissance de son appartenance à certains groupes sociaux et à la signification émotionnelle et évaluative qui résulte de cette appartenance» (1972, p. 292). Assim, um indivíduo define-se a si próprio e define os outros em função do seu lugar num sistema de categorias sociais.

Esta teoria estipula, ainda, que os indivíduos procuram construir uma identidade social positiva mediante comparações entre o seu grupo e o(s) grupo(s) dos outros, sendo estas comparações baseadas em dimensões associadas a valores sociais dominantes e conduzindo ao favoritismo pelo grupo de pertença — a tendência para favorecer o grupo de pertença relativamente ao grupo dos outros (e.g., Brewer, 1979; Tajfel e Turner, 1979).

Tendo como base este modelo teórico, o estudo que vamos apresentar teve como objectivo geral verificar se existe uma relação entre a identidade social, a criação

* Instituto Ciências Sociais, Universidade do Minho

** Instituto Ciências Sociais, Universidade do Minho

de estereótipos e os comportamentos de discriminação intergrupala.

Nesse sentido, analisámos as representações e os comportamentos de dois grupos em conflito numa organização universitária. Para cada um dos grupos verificámos essencialmente dois aspectos:

a) se a descrição do seu próprio grupo (auto-descrição) contem características mais positivas do que a descrição do grupo dos outros (hetero-descrição);

b) se uma identidade social elevada conduz à acentuação da discriminação intergrupala, isto é, se os estereótipos e os comportamentos de diferenciação se tornam mais extremos.

Segundo a teoria da identidade social, quando os indivíduos se percebem como membros de um grupo, sendo essa pertença importante no contexto da relação com outro grupo, são levados a favorecer os membros do seu grupo, a fim de manter e reforçar a sua identidade social positiva. Portanto, nós esperávamos a manifestação do favoritismo pelo grupo de pertença, em ambos os grupos, tanto a nível das representações como a nível dos comportamentos.

Os grupos que estudámos foram os estudantes de Relações Internacionais Culturais e Políticas (RICP) e os estudantes de Relações Internacionais Económicas e Políticas (RIEP) da Universidade do Minho.

Escolhemos estes cursos pois verificámos que havia um clima de conflito entre eles. De facto, iniciámos este estudo em 1994, ano em que pela primeira vez os estudantes de RI-Económicas não colaboraram na organização dos *Colóquios de Relações Internacionais* (uma actividade muito prestigiada na universidade do Minho, que este ano teve a sua XVI edição). Embora esse tenha sido um dos momentos críticos de cisão entre os alunos dos dois cursos, este conflito não foi de maneira nenhuma pontual. Pelo contrário, está intimamente ligado à história destes dois cursos.¹

¹ O curso de Relações Internacionais foi criado em 1975: *Curso de Bacharelato em Línguas Vivas e Relações Internacionais*. Alguns anos depois, este curso sofreu duas mudanças profundas. A primeira mudança foi a criação, em 1979, de um curso de licenciatura —Relações Internacionais— com cinco anos lectivos e dois ramos: Políticas e Económicas e Políticas e Culturais. A segunda foi a criação, em 1983, de dois cursos de licenciatura, reduzidos a quatro anos lectivos: Relações Internacionais Culturais e Políticas e Relações Internacionais Económicas e Políticas. Ambos os cursos foram recentemente reestruturados.

Em 1983 foi criado o Centro de Estudos do Curso de Relações Internacionais (CECRI), a primeira associação de estudantes ligada a um curso na Universidade do Minho. E em 1989 surgiu o Grupo Académico de Relações Internacionais Económicas de Braga (GARIEB), pois os estudantes de RI-

Método

A nossa metodologia foi semelhante à utilizada num estudo sobre a mesma temática realizado no ISCTE, por Monteiro e colaboradores (1991).

Sujeitos

Na fase preliminar do estudo (ver procedimento) participaram 66 estudantes da Universidade do Minho, de ambos os sexos, 33 do curso de Relações Internacionais Económicas e Políticas e 33 do curso de Relações Internacionais Culturais e Políticas.

No estudo participaram 100 estudantes da Universidade do Minho, de ambos os sexos, 45 do curso de Relações Internacionais — Económicas e Políticas e 55 do curso de Relações Internacionais — Culturais e Políticas, frequentando o 3º ou o 4º anos dos referidos cursos (idade média = 23 anos e desvio-padrão = 3,74).

Procedimento

Este estudo desenrolou-se em duas fases: a primeira fase, correspondente ao estudo preliminar; e a segunda fase correspondente ao estudo propriamente dito, com recolha de dados por questionário.

O estudo preliminar consistiu no levantamento dos atributos considerados mais importantes para a caracterização de cada um dos grupos. Para isso, pedimos aos sujeitos para descreverem os estudantes do seu curso e os do outro curso, utilizando 5 adjectivos (no máximo) à sua escolha. Seleccionamos os 14 adjectivos mais utilizados por ambos os grupos para a auto-descrição e hetero-descrição, que foram os seguintes: inteligentes, preguiçosos, divertidos, egoístas, ambiciosos, estudiosos, competitivos, amigos, simpáticos, individualistas, marrões, dinâmicos, sociáveis e convencidos.

Para a segunda fase elaborámos um questionário que incluía operacionalizações de diferentes variáveis pertinentes no âmbito das relações intergrupais. Este questionário foi aplicado colectivamente, em sala de aula.

As variáveis que estudámos foram as seguintes: a identidade social; a descrição do ideal de pessoa; as auto e hetero-descrições; e a discriminação intergrupala. Vamos

Económicas sentiram necessidade de se demarcar de RI-Culturais e defender os seus próprios interesses.

agora debruçarmo-nos sobre cada uma destas variáveis.

1. Identidade social

Os sujeitos deveriam indicar a importância atribuída à pertença a vários grupos sociais, entre os quais se encontrava o grupo de estudantes de RI-Culturais e de RI-Económicas, através de uma escala de quatro pontos: 1 = «Não pertenço a este grupo»; 2 = «Pertencço a este grupo, mas não atribuo importância a essa pertença» 3 = «Pertencço a este grupo, e isso é importante para mim»; 4 = «Pertencço a este grupo, e isso é muitíssimo importante para mim».

2. Caracterização do ideal de pessoa

Para a caracterização do ideal da pessoa foram utilizados os 14 adjectivos previamente seleccionados a partir do estudo preliminar. Essa caracterização era efectuada através de duas escalas: na primeira os sujeitos deveriam indicar até que ponto cada característica servia para descrever o seu ideal de pessoa — descrição do ideal—; na segunda escala deveriam indicar qual a importância de cada característica na descrição da pessoa ideal— importância para o ideal.

3. Caracterização do seu grupo e do grupo dos outros

Os sujeitos deveriam descrever os estudantes do seu curso, em geral, utilizando os mesmos 14 adjectivos que na descrição da pessoa ideal, através de uma escala variando entre 1 (nada característico) e 5 (muitíssimo característico) — auto-descrição. E, em seguida, deveriam utilizar o mesmo procedimento para descrever os estudantes do outro curso, em geral — hetero-descrição.

4. Discriminação intergrupala

Para avaliar a discriminação intergrupala recorreremos a dois métodos:

a) Adaptámos, para a nossa população, a versão das matrizes de Tajfel utilizada por Monteiro *et al.* (1991) — matrizes semelhantes às de Tajfel *et al.* (1971) e que, no nosso caso, representavam as médias a atribuir a cada um dos grupos considerados. A tarefa dos sujeitos consistia em escolher uma opção de valores para as médias de ambos

os cursos. As matrizes utilizadas permitiam a avaliação de um indicador de indiferenciação intergrupar e de um indicador de diferenciação intergrupar. Estes indicadores resultam de uma combinação de estratégias de resposta às matrizes, sendo analisados segundo Turner (1978):

— a preferência por RMC (recompensa máxima comum) sobre MD + GPM (máxima diferença entre os dois grupos a favor do grupo próprio + valor máximo possível para o grupo próprio), para a indiferenciação intergrupar;

— a preferência por MD sobre GPM + RMC, para a diferenciação intergrupar em termos de autofavoritismo relativo.

b) Estudamos também a percepção dos estudantes sobre a situação de privação relativa de si próprios e do seu grupo relativamente a ganhos e investimentos de ambos os grupos (numa escala de um a nove), tendo como background teórico-metodológico a teoria da privação relativa de Runciman (1966) tal como utilizada por Vala et al. (1987). Assim, consideramos dois tipos de privação relativa:

— Privação fraterna – quando se observarem níveis mais elevados de privação nas comparações do grupo próprio com o outro grupo do que nas comparações entre o indivíduo e o seu grupo próprio (diferenciação intergrupar > diferenciação intragrupal).

— Privação egoísta – quando se observarem níveis mais elevados de privação nas comparações entre o indivíduo e o seu grupo próprio do que nas comparações do grupo próprio com o outro grupo (diferenciação intergrupar < diferenciação intragrupal).

Para avaliar a diferenciação intergrupar e intragrupal baseámo-nos em questões do tipo «Como avalia o que... dá à Universidade do Minho em termos de trabalho, de empenhamento, de prestígio para a Universidade, etc.» e «Como avalia o que... recebe da universidade em termos de qualidade de ensino, de apoios pedagógicos, de facilidades administrativas de abertura de perspectivas profissionais, etc.» (escalas de 1 a 9 valores), utilizando, em seguida, as seguintes operacionalizações:

diferenciação intergrupar:

$$\frac{\text{ganhos do seu grupo}}{\text{investimentos do seu grupo}} \quad - \quad \frac{\text{ganhos do outro grupo}}{\text{investimentos do outro grupo}}$$

diferenciação intragrupal:

$$\frac{\textit{ganhos pessoais}}{\textit{investimentos pessoais}} \quad - \quad \frac{\textit{ganhos do seu grupo}}{\textit{investimentos do seu grupo}}$$

c) Analisámos também a percepção dos estudantes de ambos os cursos relativamente ao prestígio e à qualidade da formação universitária em cada curso e ao grau de oposição de interesses entre os dois cursos na Universidade do Minho (escalas de 1 a 9 valores).

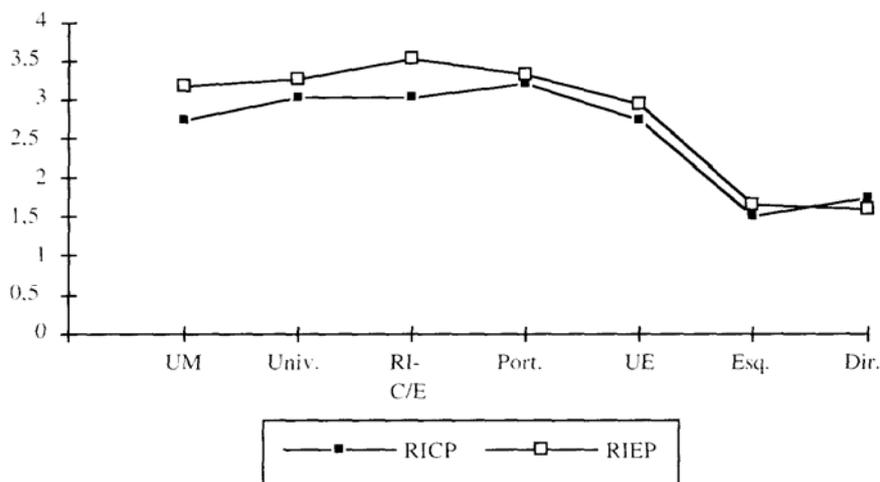
Estes dados contribuíram para a interpretação dos resultados obtidos nas medidas de discriminação utilizadas.

Resultados

1. Identidade social

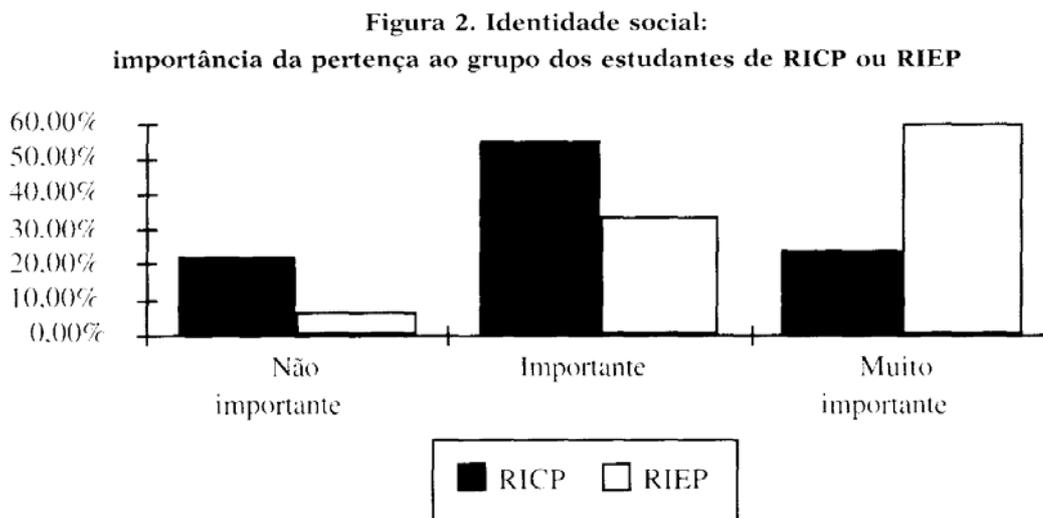
A figura 1 apresenta as respostas dos estudantes de ambos os cursos relativas à identidade social, mais precisamente, respeitantes à identificação com vários grupos de pertença: o grupo dos estudantes da Universidade do Minho (UM); o grupo dos estudantes universitários; o grupo dos estudantes de RI-Culturais ou RI-Económicas (conforme o caso); o grupo dos cidadãos portugueses; o grupo dos cidadãos da União Europeia (UE); o grupo das pessoas de esquerda; e o grupo das pessoas de direita.

Fig. 1. Identidade social:
importância da pertença a vários grupos sociais



Como se pode verificar, o padrão de respostas dos dois grupos de estudantes é bastante semelhante. Assim, ambos os grupos atribuem bastante importância ao seu curso. De notar que, para os estudantes de RI-Económicas, o «grupo dos estudantes de RI-Económicas» é o grupo a cuja pertença é atribuída maior importância ($M = 3.533$), logo seguido do «grupo dos cidadãos portugueses» ($M = 3.311$) e do grupo dos estudantes universitários» ($M = 3.267$). Em contrapartida, os estudantes de RI-Culturais atribuem maior importância ao grupo dos «cidadãos portugueses» ($M = 3.204$), seguido do «grupo dos estudantes universitários» ($M = 3.036$) e só em terceiro lugar surge o grupo dos «estudantes de RI-Culturais» ($M = 3.018$).

Na figura 2 podemos comparar com maior detalhe o grau de identificação dos estudantes com os respectivos cursos. Como se pode verificar, os estudantes de RI-Económicas atribuem significativamente ($\chi^2 = 14.444$, $p = 0007$, $gl = 2$) maior importância ao seu grupo do que os estudantes de RI-Culturais: 60% dos estudantes de RIEP afirma que essa pertença é importantíssima para si *versus* 23,64% dos estudantes de RICP, e apenas 6,67% dos estudantes de RIEP afirma que essa pertença grupal não tem qualquer importância para si *versus* 21,82% dos estudantes de RICP.



Assim, estes dados sugerem que os estudantes de RI-Económicas têm uma identidade social mais elevada do que os estudantes de RI-Culturais, o que pode ser relacionado com a actual situação dos dois grupos.

De facto, na Universidade do Minho, o grupo de RI-Culturais goza de maior prestígio do que o grupo de RI-Económicas, isto porque as médias de entrada no curso de RI-Culturais são bastante superiores às de RI-Económicas (por exemplo, para a entrada no ano lectivo 94/95 foram de 73,2% e 49,7%, respectivamente). Além disso, os estudantes de RI-Culturais, em média, têm melhores classificações durante o curso (o que é reconhecido pelos estudantes de ambos os cursos).

De há algum tempo para cá o grupo de RI-Económicas, através da sua associação (GARIEB), tem-se empenhado em estratégias de promoção do curso e de distanciamento em relação a RI-Culturais.

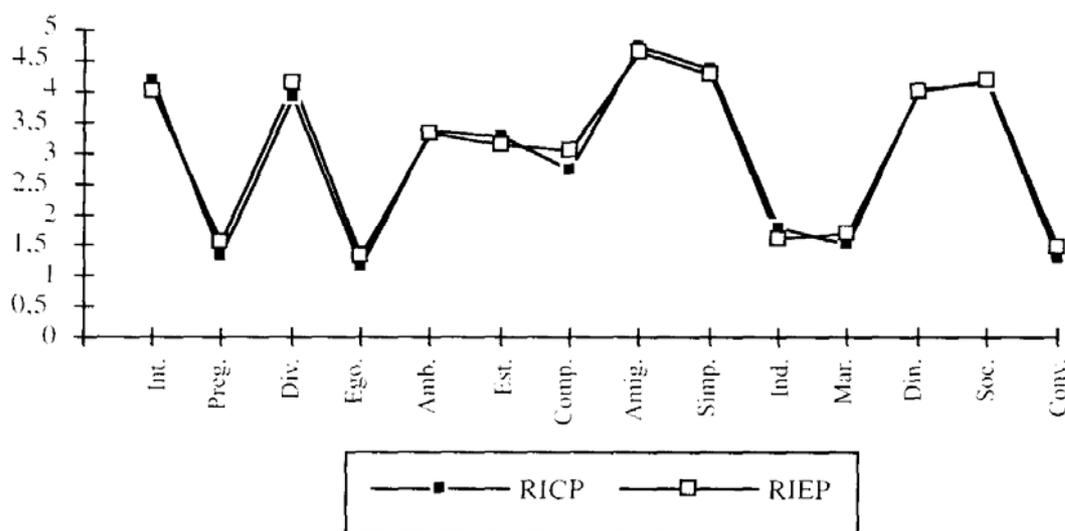
2. Caracterização do ideal de pessoa

As duas medidas da caracterização do ideal de pessoa — a descrição do ideal e a importância para o ideal apresentaram uma correlação elevada em ambos os grupos ($r = .755$ para os estudantes de RICP e $r = .841$ para os estudantes de RIEP), pelo que optámos por trabalhar apenas a *descrição do ideal*.

Como se pode verificar na figura 3, a descrição do ideal de pessoa é extremamente semelhante para ambos os grupos de estudantes — as descrições apresentam uma correlação muitíssimo elevada: $r = .992$ (como análise complementar realizámos testes de diferenças de médias entre RICP e RIEP para cada um dos 14 atributos, mas em nenhum deles se verificaram diferenças significativas).

Ambos os grupos consideram como mais característicos da pessoa ideal os seguintes atributos: amiga, simpática, sociável, inteligente, dinâmica e divertida. Como atributos menos característicos da pessoa ideal escolhem: egoísta, preguiçosa, convencida, individualista e marrona.

Figura 3. Descrição do ideal de pessoa



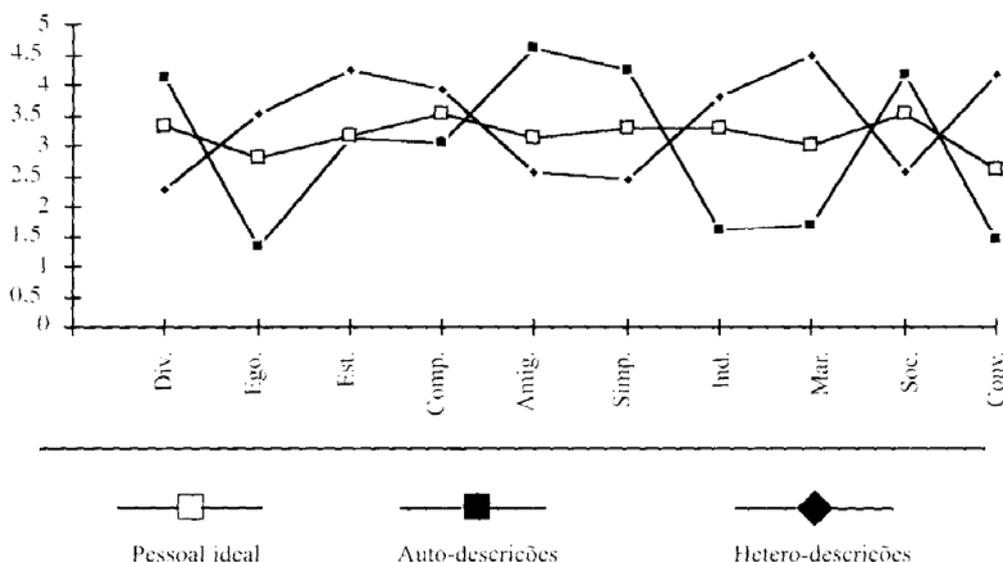
3. Caracterização do seu grupo e do grupo dos outros

Para avaliarmos o favoritismo pelo grupo de pertença comparámos as auto e hetero-descrições com a descrição do ideal de pessoa. Esperávamos que, para cada grupo, a auto-descrição se aproximasse mais da descrição do ideal de pessoa do que a hetero-descrição.

Para visualização mais clara da positividade da diferenciação intergrupual, apresentamos nas figuras 4 e 5 os perfis das auto e hetero-descrições e o perfil da descrição da pessoa ideal, dos estudantes de RI-Económicas e de RI-Culturais, respectivamente.

Para ambos os grupos de estudantes realizamos testes de diferenças de médias entre as auto e hetero-descrições para cada um dos 14 atributos seleccionados a partir do estudo preliminar. Nas figuras 4 e 5 estão apenas representados os atributos em que os estudantes de cada grupo diferenciaram significativamente o seu grupo de pertença do grupo dos outros (diferenciação significativa para $p < .05$).

Figura 4. Descrição do ideal de pessoa e as auto e hetero-descrições dos estudantes de RIEP ($p < .05$)



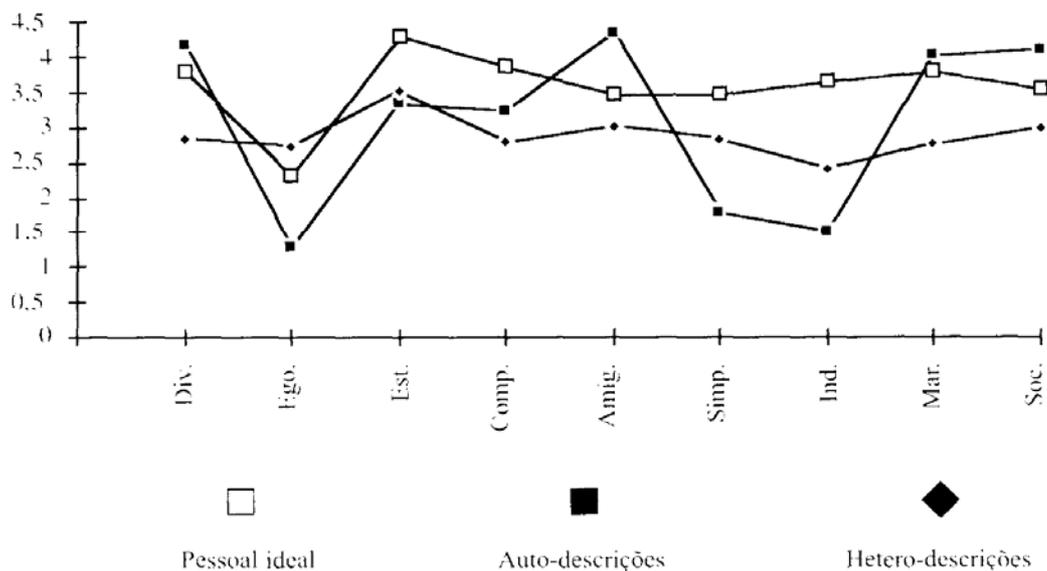
Vamos agora analisar separadamente cada uma das figuras. Começando pela figura 4, verificamos que os estudantes de RI-Económicas vêem como mais característicos do seu grupo os atributos considerados como mais importantes na descrição da pessoa ideal, isto é, as «qualidades». Assim, vêem-se como mais divertidos ($t = 4.94$, $p = .0001$, $gl = 42$), mais amigos ($t = 2.7$, $p = .0105$, $gl = 36$), mais simpáticos ($t = 4.06$, $p = .0002$, $gl = 40$) e mais sociáveis ($t = 6.257$, $p = .0001$, $gl = 40$) do que os estudantes de RI-Culturais. Por outro lado, a maior parte dos atributos percebidos como mais característicos dos estudantes de RI-Culturais são os que são menos característicos da pessoa ideal, isto é, os «defeitos». Assim, os estudantes de RI-Económicas consideram-se menos egoístas ($t = -3.592$, $p = .0009$, $gl = 41$), menos

estudiosos ($t = -6.797$, $p = .0001$, $gl = 41$), menos competitivos ($t = -2.808$, $p = .0077$, $gl = 40$), menos individualistas ($t = -2.69$, $p = .0105$, $gl = 39$), menos marrões ($t = -9.36$, $p = .0001$, $gl = 40$) e menos convencidos ($t = -8.269$, $p = .0001$, $gl = 42$) do que os estudantes de RI-Culturais.

Globalmente, estes resultados evidenciam um forte favoritismo pelo grupo de pertença: todas as «qualidades» (tendo em conta a descrição do ideal de pessoa) são consideradas como mais típicas do grupo de pertença do que do grupo dos outros (com uma excepção: embora os estudantes de RIEP se considerem como mais inteligentes do que os de RICP, a diferença não é estatisticamente significativa, pelo que não consta na figura 4). Em contrapartida, todos os «defeitos» são considerados como mais típicos dos estudantes de RI-Culturais (com uma excepção: os estudantes de RIEP consideram-se mais preguiçosos do que os estudantes de RICP, mas esta diferença não é estatisticamente significativa).

Resumindo, o grupo de pertença é percebido como nitidamente mais próximo do ideal do que o grupo dos outros. Como se pode verificar na figura 4, o grupo dos outros (RICP) apresenta um perfil oposto ao perfil da pessoa ideal: os atributos mais característicos da pessoa ideal (as qualidades) são os menos característicos de RI-Culturais e os menos característicos da pessoa ideal (os defeitos) são os mais característicos desse mesmo grupo. Assim, verifica-se uma grande polarização na descrição do grupo dos outros, o que está relacionado com a elevada identidade social dos estudantes de RI-Económicas.

Figura 5. Descrição do ideal de pessoa e as auto e hetero-descrições dos estudantes de RICP ($p < .05$)



Relativamente aos estudantes de RI-Culturais (figura 5), estes vêm-se como menos preguiçosos ($t = -2.779$, $p = .0075$, $gl = 53$) do que os estudantes de RI-Económicas, atributo que é dos menos característicos da pessoa ideal. Os estudantes de RI-Culturais vêm-se ainda como mais inteligentes ($t = 7.956$, $p = .0001$, $gl = 53$), mais ambiciosos ($t = 5.182$, $p = .0001$, $gl = 52$), mais estudiosos ($t = 5.624$, $p = .0001$, $gl = 53$), mais simpáticos ($t = 2.574$, $p = .0129$, $gl = 53$), mais individualistas ($t = 3.393$, $p = .0013$, $gl = 53$), mais marrões ($t = 6.642$, $p = .0001$, $gl = 53$), mais dinâmicos ($t = 5.796$, $p = .0001$, $gl = 52$) e mais sociáveis ($t = 3.252$, $p = .002$, $gl = 53$) do que os estudantes de RI-Económicas. De notar que a maior parte destes atributos são considerados como «qualidades» (tendo em conta a descrição da pessoa ideal): inteligentes, simpáticos, dinâmicos e sociáveis. No entanto, outros são considerados como «defeitos»: individualistas e marrões.

Assim, globalmente, os estudantes de RI-Culturais também evidenciam o favoritismo pelo grupo de pertença, no entanto, não se verifica uma «colagem» tão acentuada entre a auto-descrição e a descrição da pessoa ideal da parte dos estudantes de RI-Culturais como da parte dos estudantes de RI-Económicas.

Comparando as estratégias dos dois grupos, verificamos que embora em ambos os grupos se observe uma nítida diferenciação intergrupala positiva, esta é mais acentuada no grupo de RI-Económicas².

Estes resultados podem ser relacionados com as estratégias de afirmação do curso de RI-Económicas e a diferenciação em relação a RI-Culturais em que actualmente estão mobilizados os estudantes de RI-Económicas. Portanto, verifica-se que a identidade social elevada (RIEP) conduz a um extremar da diferenciação intergrupala, neste caso das auto e hetero-percepções.

4. Discriminação intergrupala

a) Analisando as respostas às matrizes, verificámos que:

— Os estudantes de RI-Culturais utilizam preferencialmente estratégias de diferenciação intergrupala em detrimento de estratégias de indiferenciação intergrupala ($t = 4,935$, $p = .001$, $gl = 50$), isto é, observa-se uma discriminação intergrupala a favor do grupo próprio relativamente aos estudantes de RI-Económicas.

— Os estudantes de RI-Económicas não manifestam preferência estatisticamente significativa por nenhum dos dois tipos de estratégias.

Recorde-se que o conteúdo das matrizes consistia em médias a atribuir aos dois cursos. Assim, talvez estes resultados se devam, pelo menos parcialmente, a uma

² A título de ilustração desta tentativa de afirmação e diferenciação podemos citar um excerto de um texto publicado na revista *Meridianos* (publicação do GARIEB):

«O problema da família RI Económicas e Culturais: Irmãs, primas ou amigas afastadas?

A imagem de que RI-Económicas e RI-Culturais são licenciaturas muito próximas e apenas se distinguem num ou noutro pormenor, é errada. Dá a ideia, várias vezes encontrada, de que RI-Económicas pertence à área de «Humanísticas». A proximidade dos dois ramos — pouco mais vai para além de semelhança dos nomes. Os dois ramos são duas licenciaturas distintas. Senão vejamos:

Logo à entrada os critérios que se exigem para seriar o acesso a cada licenciatura são diferentes. RI-Culturais exige um perfil de aluno que não tem relação alguma com o perfil exigido a RI-Económicas. (...) A estrutura de RI Económicas sobrepe-se muito mais com Gestão do que com RI-Culturais. (...) Por fim, mesmo quando os alunos de ambas as licenciaturas saem para o mercado de trabalho raramente competem entre si. (...) O facto de haver muitas pessoas dentro da Universidade com a opinião de que RI-Económicas e RI-Culturais são dois ramos da mesma licenciatura, só prova que muitas questões são debatidas com base em imagens estereotipadas, em que cada um tira conclusões de acordo com a própria escala de valores. (...) Na realidade nem os alunos procuram em RI-Económicas uma formação idêntica à de RI-Culturais, nem as estruturas curriculares reflectem uma similitude entre as licenciaturas (muito menos agora que a reestruturação de RI-Económicas vincou mais a vertente económica)» (*Meridianos*, n. 2, p. 30).

Em contrapartida, nas publicações de RI-Culturais (por ex., a revista *Zoom*), não se encontram quaisquer discursos de diferenciação de RI-Culturais relativamente a RI-Económicas, essa questão pura e simplesmente não existe ou é ignorada.

percepção fortemente consensual sobre as médias de notas nos dois cursos: 88% dos estudantes (85,46% de RICP e 91,11% de RIEP) consideram que as médias dos alunos de RI-Culturais são mais altas do que as dos estudantes de RI-Económicas.

b) Relativamente à privação relativa, verificámos que:

— Os estudantes de RI-Económicas não utilizam preferencialmente estratégias de diferenciação intergrupar ou intragrupal, não sendo, por isso, possível avaliar o tipo de privação relativa.

— Os estudantes de RI-Culturais utilizam preferencialmente estratégias de diferenciação intragrupal em detrimento de estratégias de diferenciação intergrupar ($t = -5,334$, $p = .0001$, $gl = 54$) o que indica privação egoísta, e que poderá sugerir uma menor probabilidade do grupo se empenhar em acções colectivas de afirmação grupal.

— A intensidade dos níveis de diferenciação intergrupar e de diferenciação intragrupal é semelhante em ambos os cursos.

c) Relativamente às percepções dos estudantes sobre os seus cursos verifica-se que:

— Os estudantes de RI-Económicas atribuem significativamente maior prestígio ao curso de RI-Culturais ($M = 6.473$) que os estudantes de RIEP ($M = 3.864$) ($t = 8.707$, $p = .0001$, $gl = 97$).

O prestígio atribuído ao curso de RIEP não difere significativamente nos dois grupos de estudantes ($M = 5.545$ para alunos RICP, $M = 5.6$ para alunos RIEP).

— Para os alunos de RI-Económicas, o seu curso tem maior prestígio que o curso de RI-Culturais ($t = -5.3$, $p = .0001$, $gl = 43$) e fornece uma melhor formação universitária que o curso de RICP ($t = -6.481$, $p = .0001$, $gl = 40$).

— Para os alunos de RI-Culturais, o seu curso tem maior prestígio que o curso de RI-Económicas ($t = 4.869$, $p = .0001$, $gl = 54$), mas a qualidade da formação universitária fornecida é semelhante nos dois cursos.

— A qualidade da formação universitária em RI-Culturais é melhor avaliada pelos estudantes de RI-Culturais ($M = 6.036$) que pelos estudantes de RI-Económicas ($M = 4.293$) ($t = 5.907$, $p = .0001$, $gl = 94$).

— Contudo, a qualidade da formação em RI-Económicas é avaliada de modo

semelhante nos dois cursos ($M = 5.745$ para alunos RICP, $M = 5.733$ para alunos RIEP).

— Ambos os grupos avaliam de modo semelhante a existência de oposição (alguma) de interesses entre os dois cursos ($M = 5.909$ para alunos RICP, $M = 6.267$ para alunos RIEP).

Discussão

Em síntese, verificámos que uma identidade social relativamente elevada estaria relacionada com:

— Uma distintividade grupal positiva, isto é, o grupo é visto como possuindo atributos mais favoráveis (mais característicos da pessoa ideal) e o outro grupo como possuindo atributos menos favoráveis (menos característicos da pessoa ideal). Tal não se verificou de forma tão acentuada com o grupo que demonstrou uma identidade social menos elevada (RICP) e um auto-estereótipo menos positivo.

— Uma não preferência por estratégias mais diferenciadoras face ao outro grupo, ao contrário do que seria teoricamente esperado. Contudo, esta diferenciação está presente nas percepções destes alunos sobre o prestígio e qualidade da formação nos dois cursos. No grupo com identidade social menos elevada, as percepções não sugerem um padrão consistente de diferenciação intergrupar (por exemplo, a qualidade da formação é semelhante nos dois cursos; a formação e o prestígio de RIEP são avaliados de modo semelhante pelos dois cursos).

Tal como no estudo de Monteiro *et al.* (1991), a procura da relação entre a identidade social dos membros dos grupos e as suas estratégias de distintividade grupal foi tratada a dois níveis de resposta: os auto e hetero-estereótipos e a atribuição das classificações académicas. Estas últimas, como já referido, talvez não tenham funcionado como pretendido visto que as médias dos alunos de RI-Culturais são, de modo geral, percebidas como realmente mais elevadas que as médias dos alunos de RI-Económicas, ponto que recebe a concordância da quase totalidade dos alunos da amostra, independentemente do curso (não recolhemos dados objectivos sobre as médias dos dois cursos).

Parece-nos interessante, para uma avaliação mais heurística da discriminação

intergrupar, refazer as análises separando estudantes com identidade social elevada e com identidade social baixa dentro de cada grupo. Seria também importante avaliar a distintividade indivíduo-grupo nos dois grupos de modo a verificar a utilização de estratégias comportamentais individuais e/ou colectivas.

Bibliografia

AMÂNCIO, L. (1993). «Identidade social e relações intergrupais», in: J. VALA e M. B. MONTEIRO (Orgs.). *Psicologia Social*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

BREWER, M. B. (1979). «The role of ethnocentrism in intergroup conflict», in: W. G. AUSTIN e S. WORCHEL (Eds.). *The Social Psychology of Intergroup Relations*, Monterey, California, Brooks/Cole.

COELHO, S. (1994). «O problema da família RI-Económicas e Culturais: irmãs, primas ou amigas afastadas?», *Meridianos – Revista do Grupo Académico de Relações Internacionais Económicas de Braga*, 2, 30.

MONTEIRO, J. (1995). «CECRI: uma associação com futuro», *Zoom – Revista do Centro de Estudos do Curso de Relações Internacionais*, 9, 6-7.

MONTEIRO, M. B., LIMA, M. L. e VALA, J. (1991). «Identidade social: um conceito chave ou uma panaceia universal?», *Sociologia – Problemas e Práticas*, 9, 107-120.

TAJFEL, H. (1972). «La catégorisation sociale», in: S. Moscovici (Ed.). *Introduction à la Psychologie Sociale*, Vol. I, Larousse Université.

TAJFEL, H. (1981-83). *Grupos Humanos e Categorias Sociais*, Vol. I e II, Lisboa, Livros Horizonte (tradução portuguesa de: *Human Groups and Social Categories: Studies in Social Psychology*, Cambridge University Press).

TAJFEL, H., e TURNER, J. C. (1979). «An integrative theory of intergroup conflict», in: W. G. AUSTIN e S. WORCHEL (Eds.). *The Social Psychology of Intergroup Relations*, Monterey, Brooks.

TAJFEL, H., FLAMENT, C., BILLIG, M. G., e BUNDY, R. P. (1971). «Social categorization and intergroup behaviour», *European Journal of Social Psychology*, 1, 149-178.

TURNER, J. C. (1978), «Social categorization and social discrimination in the minimal group paradigm» in: H. TAJEEL (Ed.). *Diferenciation Between Social Groups: Studies in the Social Psychology of Intergroup Relations*, London, Academic Press.

VALA, J., LIMA, M. L. e MONTEIRO, M. B. (1987). «Conflitos intergrupais em contexto organizacional: Problemas de investigação e de intervenção – estudo de um caso», *Análise Social*, Vol. XXIII (99), 801-814.